

Ensino de Arte na UFMG e sua Integração com a Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte

Área Temática de Educação

Resumo

O Projeto Ensino de Arte propõe-se a trabalhar com professores de Arte em atuação na Rede Pública de Ensino de Belo Horizonte, quer sejam eles formados ou não em Arte. Parte-se do pressuposto que, com a mudança de Educação Artística (atividade) para Ensino de Arte (área de conhecimento), a partir da promulgação da LDBN 9394/96, é necessário que sejam feitas ações para a formação e atualização de profissionais que atuam na área. Nesse sentido, a UFMG tem papel preponderante no que se refere às novas propostas, devendo cumprir sua função de propiciar a formação continuada de professores. Este projeto vem de encontro ao que tem sido proposto nas discussões e seminário do Grupo Ensino de Arte na UFMG, formado recentemente com integrantes de profissionais que atuam na área em toda a UFMG (EBA, FAE, EMU, CP/COLTEC, CP/EF). O projeto está em sua fase inicial de coleta de dados, em colaboração com o PAD – Ensino de Arte. As ações terão início em agosto de 2004. Ensino de Arte. Formação de Professores de Arte. Arte/Educação.

Autoras

Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel

Profa. Ms. Amarílis Coelho Coragem

Instituição

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Palavras-chave: ensino de arte; formação de professores de arte; arte; educação.

Introdução e objetivo

Arte, na escola, é a oportunidade do aluno explorar, construir e aumentar seu conhecimento, desenvolver suas habilidades, articular e realizar trabalhos estéticos e explorar seus sentimentos. O ensino de arte propicia meios de conhecer, apresentar, interpretar, simbolizar e metaforizar em um contexto de apreciação estética e de valorização cultural. É essencial que também deva possibilitar a todos os alunos a construção de conhecimentos que interajam com sua emoção, através do pensar, do apreciar e do fazer arte.

Os espaços de interação entre a UFMG e a Prefeitura de Belo Horizonte são vários, havendo projetos comuns em várias áreas. Uma delas é a área educacional. As ações conjuntas relativas ao ensino de arte vêm sendo constantes, embora pontuais, há bastante tempo. O que se coloca, hoje, é a necessidade de firmar o ensino de arte em suas possibilidades contemporâneas, pois o próprio poder público ainda não assumiu, por vezes, seu papel de garantir um ensino de qualidade a todos os alunos, uma vez que há escolas que ainda não estão na conformidade do que se espera seja cumprido na lei atual.

De 1971 até 1996, o que se tinha na escola era Educação Artística, uma atividade na escola caracterizada pela superficialidade. Em dezembro de 1996, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, com a obrigatoriedade do ensino de Arte. A atividade que se chamava Educação Artística, passou, então, a ser a disciplina Arte. É importante saber que não foi apenas uma mudança de nome. Antes, Educação Artística tinha um caráter de superficialidade em virtude de sua característica polivalente, pois o mesmo professor tinha

que dar aulas de Artes Plásticas, Música e Teatro, mesmo sabendo muito pouco de cada área. Agora, Arte é tratada como área de conhecimento e deve ter um professor especialista para cada área. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), elaborados sob os auspícios do Ministério da educação e publicados em 1997, trazem um grande avanço, dando o devido valor a cada área artística.

Arte, como área de conhecimento, apresenta-se ampla e engloba para fins de estudo, segundo os PCN, cinco áreas específicas: Artes Visuais, Dança, Música, Teatro – para o ensino fundamental – e também Artes Audiovisuais – para o ensino médio. Para cada uma delas, é necessário um professor especialista e condições mínimas de infra-estrutura, para que seu ensino seja significativo. A implantação do ensino de Arte nas escolas, como regulamenta a LDB/96 e indicam os PCN, é um grande desafio que se apresenta para este momento, uma vez que sua presença como área de conhecimento nem sempre é suficientemente compreendida nas escolas. Em muitas ocasiões e para muitos professores de outras disciplinas ou especialistas, a arte é entendida como lazer, relaxamento, momento de passagem e decoração. Há, porém, aspectos formativos que são deixados de lado por desconhecimento ou falta de compromisso com uma formação humanística plena das nossas crianças e jovens.

O objetivo do projeto Ensino de Arte na UFMG e sua integração com a Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte é o de mapear como está o ensino de Arte nas escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte, com vistas a propor ações integradas com o Grupo Ensino de Arte na UFMG, que possam levar a uma concepção contemporânea desse ensino.

Metodologia

Partiu-se do levantamento de todas as escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, em consulta à Secretaria Municipal de Educação e às Regionais. Concomitantemente, foram sendo elaborados três questionários, em reuniões de discussão e com o auxílio de professores especialistas no assunto. O primeiro será respondido pela administração da escola; o segundo será respondido por escrito pelos professores de Arte em exercício (quer sejam eles habilitados ou não em Arte) e o terceiro será preenchido pelo bolsista que está entrevistando o professor enquanto este preenche o questionário. Esses questionários visam a detectar, de forma a mais clara possível, como vem se dando o ensino de arte nessas escolas. Todos os professores que dão aulas de Arte responderão o questionário escrito, mas o foco mais imediato é o terceiro ciclo do ensino fundamental, tendo em vista a limitação de número de bolsistas (quatro) e a relação dos mesmos com a Licenciatura. Assim sendo, num primeiro momento, embora se espere que todos os professores de Arte respondam o questionário, somente os professores que estão atuando no terceiro ciclo serão entrevistados.

Procurar-se-á detectar quais são as razões explícitas e implícitas para a inclusão e o planejamento do ensino de Arte nessas escolas e quais os critérios adotados para esse ensino. A partir desse levantamento, serão levantados os critérios para propostas de ação em quatro ou mais escolas da Rede, dependendo da demanda e da possibilidade de atendimento.

Considera-se que os professores de Arte são sujeitos pensantes e agentes de seu ensino, em condições de discuti-lo e atuar de forma crítica, desde que tenham a oportunidade de fazê-lo. Parte-se do princípio que escolas de arte formam artistas – alguns vão ser professores, outros não. Os que são professores têm condições de pensar criticamente sua prática e produzir materiais didáticos adequados para o ensino de Arte em seu contexto, com seu grupo de estudantes e em consonância com o projeto pedagógico da escola em que atuam. Os que estão formalmente dando as aulas de Arte, mas não são formados nessa área de conhecimento, devem ter justificativas para estarem atuando. Interessa-nos, também, saber quais são essas justificativas e porquê são eles os professores, mesmo sem terem a formação específica.

O referencial teórico abrange o espectro do ensino de Arte no século XX e as perspectivas para o século XXI, sendo estudadas autoras que vêm se dedicando ao assunto, tais como Arthur Efland, Howard Gardner, Ana Mae Barbosa, Jukka Orava, Dough Boughton e Lucia Pimentel. Para esse estudo, recorreremos a livros, CD ROMs, consultas à internet e seminários. Nas escolas da Rede Municipal, a proposta é que se use o tempo que os professores têm destinado a “projeto” para as discussões, estudos e formulação de propostas de ação. Também poderão ser planejados outros encontros, dependendo da disponibilidade do grupo.

Resultados e discussão

No levantamento feito, foram listadas 173 escolas, sendo que a maioria tem um professor especialista em Arte. Delas, 89 têm ensino no terceiro ciclo do ensino fundamental. O fato curioso é que nem sempre é o professor especialista em Arte o responsável pelo ensino da disciplina nesse ciclo. Há escolas que não têm aula de Arte na grade curricular e outras em que supostamente a aula de Arte é dada como quarta ou quinta aula de outra disciplina, pelo professor dessa disciplina (Matemática ou Português, por exemplo).

Um dos problemas correntes é o pequeno número de aulas de Arte, o que faz com que o professor dessa disciplina tenha que atuar em muitas turmas. Outro problema sério é a falta de uma sala-ambiente apropriada de Arte, em grande parte das escolas, ainda.

Já foi possível detectar que várias escolas têm atividades artísticas em horários extracurriculares, como, por exemplo, grupos de Teatro ou oficinas ministradas por membros da comunidade ou pelos próprios professores. Nesses casos, o espaço do ensino de arte, por vezes, confunde-se com o espaço da arte/educação.

Outra questão em voga é a avaliação em arte. A partir das referências das discussões de grupos internacionais de estudo, tentaremos levantar como a avaliação em Arte está se dando na prática nas escolas da Rede Municipal de Ensino e que referenciais teóricos embasam sua prática.

É bastante evidente a necessidade do ensino/aprendizagem de arte contemporânea, uma vez que a construção de conhecimentos em arte se dá, intrinsecamente, pelo fazer com intenso envolvimento pessoal aliado à contextualização e ao pensamento crítico desse fazer.

Há uma variedade de possibilidades no trabalho de ensino de arte. Não se trata, porém, de seguir rigidamente um método copiado, mas sim de buscar estudos e referências que possam dinamizar e adequar o ensino, sem perda de qualidade e interesse, ao grupo de alunas com o qual se trabalha. A Abordagem Triangular, elaborada por Ana Mae Barbosa - que contempla o fazer artístico, a contextualização e a leitura da obra - tem sido a mais usada ultimamente no Brasil. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – Arte são baseados nessa abordagem, sendo amplamente divulgados pelo país.

As questões que afloram em relação à arte contemporânea pesam quando ensinamos/aprendemos arte, quando precisamos avaliar um trabalho artístico ou quando precisamos de um referencial para pensar nossos trabalhos enquanto artistas. Podemos citar, por exemplo, a virtude da originalidade na produção da imagem. Até o Modernismo, era interessante a imagem que fosse original; cabia à aluna produzir um trabalho que contivesse uma imagem que fosse vista pela primeira vez. Na arte contemporânea isso não é verdadeiro. Basta estudarmos um pouco da história da arte desde o século XX ou irmos a algumas exposições para constatar que a originalidade da imagem não é mais um valor para significar um trabalho de arte. Mais que a produção de uma imagem original, a elaboração de formas originais de produção de imagens tem sido o foco da arte contemporânea. Propiciar a elaboração de formas originais de produção de imagens supõe haver conhecimento suficiente de possibilidades de feitura, repertório imagético de referência e disponibilidade à criação. É importante que o ensino de arte contemporânea leve isso em conta.

Isso está relacionado com a relação da arte com o contexto. Há algum tempo, a obra de arte era obra de arte por ela mesma, bastava-se. Hoje, a obra tem o seu contexto cultural como valor imbricado e inerente a si. Não justificaria uma máscara africana ir para o museu só porque ela é uma máscara de um povo tido como exótico, mas sim porque, além da composição, ela apresenta carga cultural do contexto onde foi produzida, o que faz com que seja uma obra valorizada.

As questões estéticas da arte contemporânea passam, ainda, pela influência das novas tecnologias sobre a expressão. É inegável que as novas tecnologias têm uma influência bastante grande no nosso modo de expressão, uma vez que influenciam nossos referenciais estéticos. O valor que as formas eurocêntricas de expressão têm em relação às minorias culturais é outro questionamento. A maioria dos livros didáticos traz como referência produções de artistas europeus, brancos e masculinos. Só mais recentemente e em alguns livros é que podem ser encontradas referências de obras de arte da África, da Austrália e da Ásia, bem como de minorias étnicas ou de mulheres artistas.

Podemos dizer, ainda, que há vários fatores que contribuem para a complexidade da tarefa de avaliar em arte. Primeiramente, arte requer várias formas de análise a fim de satisfazer diferentes propósitos educacionais, o que quer dizer que várias são as possibilidades de analisar e avaliar a produção das alunas. Pastas individuais com o diário de bordo, anotações e esboços, entrevistas, exposições, depoimentos escritos e outras formas de registro devem ser usadas para que a avaliação possa ser feita. Lembre-se que a avaliação é parte do processo de ensino/aprendizagem e não sua culminância.

Em segundo lugar, ainda não há, por parte das professoras de Arte, a plena concordância de alguns termos-chaves da área. Um exemplo típico é quando determinado tipo de expressão deve ser considerado arte ou não, como no caso do grafitti e da arte digital. Também há uma certa confusão entre arte e comunicação visual. Conceitos como os de representação, linguagem e instalação, apenas para citar alguns, precisam ser melhor estudados.

Em terceiro lugar não há consenso sobre quais os critérios que podem ser usados para avaliarmos o trabalho feito em Arte: a técnica? A adequação ao tema? Sua maneira individual de abordá-lo? Todas essas questões devem ser pensadas e repensadas por todas as pessoas que se envolvem com o ensino/aprendizagem da arte.

Essas são algumas das questões que devemos ter presentes ao nos propormos a ensinar/aprender arte, uma vez que, sendo área de conhecimento, tem seu campo específico de estudo e pesquisa que precisa ser amplamente abordado para que cada vez mais possamos cumprir nossa tarefa como professoras/educadoras na contemporaneidade.

Como ainda estamos no início do projeto, discussões mais aprofundadas somente poderão acontecer quando estivermos fazendo a análise dos questionários e entrevistas, e atuando diretamente nas escolas, ou seja, a partir de outubro, uma vez que os questionários e entrevistas serão realizados em agosto e as primeiras inserções na escola a partir de setembro.

Conclusões

É muito importante pensar e discutir o porquê do ensino de arte na escola. Uma das questões é entender a justificativa para serem incluídas aulas de Arte na Educação Básica. Na maioria das vezes, o ensino de Arte, nas escolas, tem como objetivos: desenvolver a criatividade, permitir a auto-expressão e ajudar a sociabilidade. Não há, normalmente, o registro a priori de que o objetivo das aulas de Arte é ensinar e aprender arte.

A escola, sendo lugar social de construção do conhecimento, de aprender e de ensinar, deve contribuir para promover o pensamento e construir conhecimento nas áreas nela presentes. Tem-se, pois, que arte está presente no currículo escolar porque é uma área de

conhecimento e como área de conhecimento tem que estar na escola da mesma maneira que as outras áreas estão.

Sabemos, através de estudos que vêm sendo desenvolvidos em diversas partes do mundo, inclusive aqui no Brasil, que existem ações inteligentes, ações mentais, que só podem ser feitas a partir de determinados raciocínios em arte, assim como existem algumas que somente são feitas a partir de determinados raciocínios em história, em matemática etc. Portanto, temos diversas áreas de conhecimento presentes na escola porque as formas de pensar são diferentes e peculiares a cada área.

Arte relaciona-se com registros diversificados e com a imaginação estética desses registros, que podem ser tanto gestuais quanto gráficos, sonoros, virtuais, espaciais etc. A dificuldade que se tem de entendimento da arte contemporânea está muito relacionada a uma capacidade que normalmente não desenvolvemos, que é a de pensar registros. Os registros podem ser vários e não padronizados. Dentre os registros possíveis, as referências visuais, sonoras, gestuais e comportamentais estão à disposição de todos e, cada vez, mais direcionados à criança e ao jovem. Entender registros, contextualizá-los e pensar novas possibilidades para eles é importante para a formação de crianças e jovens.

O fato de não serem trabalhados, na escola, conteúdos de arte tem como consequência maior massificação e alienação, porque tiramos das crianças e jovens as chances de conhecer novas possibilidades de trabalho em arte, de pensar o que há de desafio em uma imagem, um gesto ou um movimento e de imaginar o que pode-se expressar em uma imagem, um gesto ou um movimento.

Quando acontece na escola, o ensino de arte, muitas vezes, reduz-se apenas ao ensino de técnicas. A exploração de materiais e o estudo da técnica são muito importantes, mas não bastam por si só. Será que somente aprendendo a técnica temos a garantia de que crianças e jovens vão saber se expressar depois? A técnica é necessária, mas será que só a técnica é suficiente?

Ensinar arte é uma tarefa extremamente complexa, porque lidamos com questões materiais, instrumentais e conceituais do que seja aprender e ensinar arte, do que seja a própria questão da área do conhecimento arte e, inerentemente, com a questão emotiva, sensível dos alunos. Essa tarefa, que é complexa, necessita de uma preparação bastante profunda e constante para poder ser bem sucedida. Por isso, a necessidade de que o professor de arte tenha tempo de pensar e experimentar questões de arte e possa estar em conexão com especialistas de outras áreas de conhecimento. O produto – necessário como consumação de um processo - é importante como registro do percurso dessa experiência.

Outra justificativa presente na escola para que haja aula de Arte é que os alunos precisam de um tempo de relaxamento, em meio a outras disciplinas. Se a escola está traumatizando tanto os alunos com as outras disciplinas que eles precisam de um horário oficial de relaxamento, é melhor contratar um terapeuta para os outros professores, para ver o que está acontecendo, e um animador cultural para os alunos, porque aula de Arte não é para relaxar. Pelo contrário, aula de Arte, quando é uma aula em que as pessoas estão participando e que tudo está sendo constantemente elaborado, é uma aula bastante tensa, no sentido de que é preciso pensar muito, fazer relações e escolhas a todo momento. Isso não quer dizer que a aula de Arte não possa ou deva ser prazerosa. Mas, para que se consiga construir alguma coisa, é preciso que o pensamento artístico e a sensibilidade estética estejam presentes. Pensar arte exige um outro nível de pensamento que não é somente o nível básico da memória ou o de fazer conexões lógicas, mas o que, além da busca da memória e das conexões lógicas, cria possibilidades nesse sentido.

A aula de Arte pode ser muito prazerosa, mas certamente não vai ser somente relaxante. O tempo de trabalho não é relaxante, é de tensão; o prazer vem a partir do que se consegue com o trabalho. Qualquer área de conhecimento pode ser muito interessante para

relaxar também, mas não durante o processo de pensar e construir esse conhecimento. Podemos, por exemplo, fazer vários jogos para o ensino/aprendizagem em qualquer das disciplinas, não somente na de Arte. O que caracterizará o relaxamento ou a aprendizagem será o nível de desafio desses jogos para a construção de conhecimentos.

Outra questão diz respeito ao lugar da arte na escola. Considerando arte uma área de conhecimento complexa, porque trabalha com o pensar, com o fazer e com o explorar os vários níveis desse conhecimento e da sensibilidade estética e da emoção, qual seria, então, esse lugar? Aqui é importante ressaltar dois aspectos: um é o próprio lugar físico e outro o espaço temporal a ser usado para a disciplina Arte.

Quanto ao primeiro, as escolas estão começando a perceber que as salas-ambientes são o melhor lugar para ensinar e aprender, isto é, uma sala ambiente de qualquer área de conhecimento é muito mais propícia ao ensino/aprendizagem dessa área do que uma sala de aula comum que serve para todas as disciplinas. No caso da arte, isso é mais patente ainda. Normalmente as nossas salas de aula não têm ambiente visual, sonoro e de movimento para abrigar as aulas de Arte. A maioria tem cadeiras de braço em que o máximo que se consegue é trabalhar com um papel A4, nas quais o aluno não pode usar materiais diversos, se movimentar ou fazer qualquer ruído. Nelas o aluno não pode se deslocar amplamente, não pode se expressar sem severas restrições. É extremamente perigoso ensinar arte nessas condições, porque fica a impressão para a criança e o jovem de que o fazer arte tem como característica a precariedade.

O primeiro problema relativo a lugar, portanto, é o lugar físico, a sala-ambiente de Arte. É muito difícil tentarmos fazer um estudo de obra de arte, por exemplo, para uma criança ou jovem que passa a manhã inteira ou a tarde inteira na mesma sala, vendo as mesmas imagens ao seu lado, sem qualquer critério de estética visual. Uma sala de aula adequada é extremamente necessária para possamos desenvolver atividades artísticas.

O ideal é que toda sala de Arte fosse um lugar de ateliê, um lugar em que houvesse tanques, bancadas, prateleiras para colocar o trabalho dos alunos todas as semanas, como continuidade de pensamento, de repertório imagético, de trabalho interagente, sensível e emocional com matéria, não importando se a matéria é presencial ou virtual. E que houvesse também um espaço onde a movimentação ampla fosse possível e os ruídos não incomodassem o andamento de outras disciplinas. Isto depende muito da vontade política dos envolvidos com Educação e do projeto pedagógico da escola.

O segundo aspecto está relacionado com a questão do tempo. Como os alunos só têm 50 minutos de Arte por semana (uma aula, no máximo duas em algumas séries), o que acontece é que o professor de Arte tem que ter muitas turmas para completar sua carga horária, tendo que assumir tarefas em mais de uma escola para cumprir o que é exigido. Como consequência do pouco tempo e não haver sala-ambiente, também não é possível trabalhar uma seqüência de pensamento em arte, não se viabilizando o pensar arte como tarefa cultural do ser humano.

Neste caso, o projeto pedagógico é também essencial, principalmente quanto ao reconhecimento que as áreas de conhecimento não são estanques, isoladas, mas têm interfaces e devem colaborar umas com as outras na formação do aluno. Já temos escolas que conseguiram chegar a esse nível de entendimento e alocar a mesma carga horária para todas as disciplinas. Nessas escolas, trabalhando integradamente, o projeto pedagógico ganhou significado, tanto para professores quanto para alunos e vem refletindo positivamente na comunidade de maneira geral.

Destaque-se que em Arte não existe a experiência pronta e acabada a ser “transmitida” aos alunos. Existe um campo do saber que é próprio da área de conhecimento Arte, mas seu ensino/aprendizagem depende em grande parte da vivência experiencial, o que é, ao mesmo

tempo, um desafio e um privilégio de atuação. Assim, as atividades e os trabalhos têm sempre, em grande parte, a participação de todos os responsáveis envolvidos.

Podemos inferir, neste início de trabalho, que há entusiasmo por parte dos professores em discutir o ensino de arte e buscar novos caminhos para sua realização e, ao mesmo tempo, vontade de ampliar o espaço das atividades artísticas na escola, de maneira geral.

Se a formação inicial do professor de Arte nem sempre é a ideal, sabe-se que é de extrema importância que ele possa, permanentemente, estar buscando meios e auxílios para que sua prática esteja sempre melhorando. Sabe-se, também, que é papel da universidade fornecer condições para a formação inicial de professores, mas colaborar sempre que possível em sua formação permanente, uma vez que a área de ensino não é estanque, estando em constante mutação. Espera-se que essa parceria venha a ser constante, uma vez que ganham com ela os alunos que estão em formação inicial e os professores que têm acesso a novas informações de uma maneira consistente e crítica.

Considera-se importante que a pesquisa esteja aliada ao ensino e à extensão, para que o conhecimento construído possa ser compartilhado e torne-se dinâmico, a serviço da sociedade.

Referências bibliográficas

AUMONT, Jacques. A estética do filme. São Paulo: Papirus, 1995.

BARBOSA, Ana Mae (org). Inquietações e mudanças no ensino de arte. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos utópicos. Belo Horizonte: C/ARTE, 1998.

DOMINGUES, Diana (org.). Arte no século XXI: a humanização das tecnologias. São Paulo: UNESP, 1997.

GARAUDY, Roger. Dançar a Vida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos Teatrais. São Paulo: Perspectiva, 1984.

KOUDELA, Ingrid Dormien. Texto e Jogo. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 1996.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). Som, gesto, forma e cor: dimensões da Arte e seu ensino. Belo Horizonte: C/ARTE, 1995.

SCHAFER, R. Murray O Ouvido Pensante, São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.

WISNIK, José Miguel O Som e o Sentido. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.